

**O MOVIMENTO MODERNISTA VERDE E SUA VERTENTE ANTROPOFÁGICA:
Uma análise da influência da antropofagia oswaldiana na produção literária
do grupo Verde de Cataguases.**

Maria INÁCIO PEIXOTO QUARESMA¹

Resumo: A chegada da modernidade movimentou os ânimos de jovens visionários do interior de Minas Gerais, que agregam os novos ideais do movimento Modernista em ascensão às suas produções literárias, mais especificamente às publicações da *Revista Verde* (1927-1929), demonstrando ousadia e brilhantismo. Longe do eixo São-Paulo – Rio, o grupo *Verde* disseminou as vertentes do modernismo pelo interior do país, influenciados pelas ideias de consolidação da cultura nacional e também pela Antropofagia de Oswald de Andrade.

Palavras-chave: Modernismo. Movimento Verde. Antropofagia.

Introdução

O Modernismo foi a expressão da modernidade nas artes e no pensamento, uma ruptura com os padrões estéticos existentes, aflorado pelas grandes transformações que se projetavam no início do século XX, a guerra um dos fatores determinantes, assim como a industrialização e o avanço das tecnologias, a aglomeração da população nos grandes centros urbanos e o surgimento de novas classes sociais. A partir de 1890, várias tendências experimentalistas preocupadas com uma (re)interpretação da realidade surgiram em diversos centros econômicos da Europa e dos Estados Unidos, gerando uma multiplicidade de manifestações artísticas responsáveis pela publicação de diversos manifestos escritos um pouco antes da Primeira Guerra Mundial. “A maioria dos comentadores concorda que esse furor de experimentação resultou numa transformação qualitativa na natureza do modernismo em algum ponto entre 1910 e 1915” (RICHA, 2008, p.43).

Os artistas modernos, em busca de uma arte completamente livre, autônoma, refletiam em suas obras a situação do homem na moderna sociedade industrial, e, “na vivência do crescimento urbano, da mutação e da movimentação constante na cidade, os modernistas perceberam o sentido fugidio, fragmentário e contingente da vida moderna” (RICHA, 2008,

¹ Mestranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil). mpeixoto11@yahoo.com.

p.47). Charles Baudelaire consegue captar a situação desse homem em *O Pintor da vida moderna*, 1863:

Assim vai, corre, procura. Que procura? Com toda certeza, esse homem, tal qual o pintei, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, viajando sempre através ‘do grande deserto de homens’ [...]. Ele busca esse algo que nos permitirá chamar a ‘modernidade’. [...] A modernidade é o transitório, o fugaz, o contingente, a metade da arte, cuja metade restante é eterna e imutável (1991, p.108).

O movimento modernista seria o prenunciador desse novo espírito do homem, que se encontrava diante desse conflito assinalado por Baudelaire: de um lado a transitoriedade e a efemeridade, de outro o eterno e o imutável.

As ideias de Baudelaire lembram o pensamento de Nietzsche, em Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida, sugerindo que para criar é preciso se livrar da “tralha” da memória; o criador tem que esquecer, não perdendo suas lembranças, mas dialogando com a tradição, com o que já existe. Na modernidade, que é transitória, fugida e movente, cuja segurança reside paradoxalmente na insegurança, torna-se necessário destruir para criar (criação destrutiva) e, no entanto, a criação passa-se no fragmentário e no efêmero (destruição criativa). Esse diálogo aparece também na tentativa vanguardista de se livrar da “tralha” das regras estéticas tradicionais; no desejo dos modernistas brasileiros de recordar criativamente nossa história; na proposição de Oswald de Andrade, no “Manifesto Antropófago”, de 1928, de deglutir e digerir a influência estrangeira para então, livremente, produzir a arte brasileira (RICHA, p.68).

Para que esse espírito revolucionário rompesse com os padrões herdados, ao mesmo tempo em que agregava em sua arte forças tão distintas como a tradição e o fragmentário, o eterno e o efêmero, era necessário recorrer ao inédito, a um compromisso inovador, antes um *descompromisso* com as novas exigências. Para o crítico Álvaro Lins, o movimento foi o espelhamento de “uma crise, uma fase de transição, uma imagem de instabilidade social” (1967, p.77), não apenas um movimento estético, mas um espírito revolucionário, como assinala Mário de Andrade:

A transformação do mundo bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, [...] impunha a criação de um espírito novo e exigiam a reavaliação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional. Isso foi o movimento modernista (1974, p.231).

No Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922 declara o rompimento com as correntes artístico-literárias anteriores, oferecendo uma nova consciência do ato da criação, livre de padrões estéticos pré-estabelecidos, da fórmula modelo/cópia. Álvaro Lins afirma ainda que para que essa fórmula se tornasse ultrapassada, era necessária a liberdade de pesquisa e a busca de inspiração dentro do âmbito local, o que tornava essa pesquisa atual e contemporânea: “Não podemos aspirar a uma posição internacional enquanto não tivermos levantado uma forte, nítida e bem caracterizada fisionomia nacional” (1967, p.118).

A respeito dessa tentativa de alcance universal, ressalta Ana Lúcia Richa:

A tensão entre o universal e o local, o internacional e o nacional, fez com que o modernismo aparecesse de formas diversas, dependendo do lugar e do momento estudados. A tensão tornou-se explícita ao admitir-se, aqui, a existência no modernismo de forte sentimento local – dado pelas circunstâncias das diferentes condições sociais, econômicas, políticas e até materiais (avanços tecnológicos, máquinas, meios de comunicação e transporte), mas também pela experiência urbana local, pelos “flertes” com a cultura popular – “embora o movimento como um todo tivesse uma atitude internacionalista e universalista definida, muitas vezes buscada e concebida deliberadamente” (2008, p.49).

O que ocorre pela primeira vez na história da literatura brasileira é a criação de uma corrente estética livre de qualquer padrão em voga, menos preocupada com o individual e sabedora da importância no fazer coletivo, a que Mário de Andrade chama de estabilização da consciência criadora nacional (1974, p.242):

O espírito modernista reconheceu que se vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade. Inventou-se, do dia para a noite, a fabulosíssima “língua brasileira” (idem, 1942)².

Dentro desse quadro de grandes transformações e rupturas, que desencadeou o movimento modernista, encaixa-se o grupo *Verde* de Cataguases, objeto do presente estudo, que foi uma “vanguarda não por imposição cultural nem, muito menos, resultado da simples

² Em fevereiro de 1942, para comemorar o 20º aniversário da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade publicou, no Estado de São Paulo, quatro artigos onde faz um balanço do movimento modernista brasileiro. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=175420&id_secao=11>

ruminação local, mas resultado de um processo de expansão do movimento, feito por veículos diversos” (RICHA, 2008, p.51).

Verde foi tão importante porque, como a maior parte dos grupos modernistas brasileiros, não fugiu do diálogo. Eles não deixaram de se perguntar a todo instante qual era a sua situação diante do pensamento modernista que emerge na Europa ocidental, carregado de valores como progresso, civilização, atraso e desenvolvimento; baseado em vários pressupostos como urbanização, maquinário e desenvolvimento tecnológico, hora universal etc. A Zona da Mata Mineira tinha muito pouco a ver com a modernidade industrial e racional da Europa, mas eles assumem o direito à herança cultural e artística ocidental (RICHA, 2008, p.52).

A expansão do movimento se fez através de diversas publicações e manifestos por todo Brasil, assim como pela edição de revistas e periódicos. A *Klaxon* (1922) foi a primeira a surgir, publicada em nove exemplares que trouxeram contribuições de artistas brasileiros e estrangeiros. No mesmo ano, Mário de Andrade publica a *Paulicéia Desvairada*, seguida da revista *Estética* (1924) que, apesar de carioca, deu continuação a *Klaxon* paulista. A partir daí, seguiram outras publicações: O *Manifesto Pau-Brasil* (1924), de Oswald de Andrade, *A Revista* (1925) de Belo Horizonte, a revista *Verde* (1927), do grupo de Cataguases, a revista *Festa* (1927) do Rio de Janeiro, as paulistas *Terra Roxa* e *Outras Terras*, de 1926, o *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, que aparece na *Revista de Antropofagia* de São Paulo. Em Minas, também aparecem revistas de pouca repercussão em Itanhandu (*Elétrica*) e Ubá (*Montanha*).

Antropofagia e Movimento Verde:

O grupo *Verde* de Cataguases, chamados por Oswald e Mário de Andrade de “os ases de Cataguases”, editou os seis números da *Verde: revista mensal de arte e cultura*, de setembro de 1927 a maio de 1929, e era formado por jovens visionários que criaram um movimento literário modernista no interior de Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Cataguases, a partir da publicação de um Manifesto onde se declaravam, dentre outros, independentes de qualquer outro grupo literário. Ascânio Lopes, Camilo Soares, Cristóforo Fonte, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino César, Henrique de Resende, Martins Mendes, Oswaldo Abritta e Rosário Fusco, signatários do documento e responsáveis pela publicação

do periódico, começaram suas atividades no Grêmio Literário Machado de Assis, alguns escreveram em jornais locais, editaram quatro livros de poesia³ e ainda tiveram publicações de poemas em revistas e jornais de outros grupos, lembrando o fato de que eram muito jovens se comparados aos modernistas de São Paulo: “enquanto em 1927 Mário de Andrade tinha 34 anos e Oswald, 37, Fusco contava apenas 17, Francisco Inácio, 18 e Guilhermino Cesar, 19. Portanto, a vantagem em termos de leitura e pé na estrada era nítida em favor dos paulistas” (BRANCO, 2010, p.13).

É importante ressaltar que as atividades da primeira vanguarda brasileira foram essenciais à formação de grupos no interior do país, já alertados pelas movimentações vanguardistas na Europa. Rio de Janeiro e São Paulo, palcos do primeiro movimento vanguardista, tornam-se assim como Paris o fora, pontos de referência em relação aos grupos do interior, entre os quais está o Verde (RICHA, 2008, p.26).

O escritor e poeta Joaquim Branco, em *Passagem para a Modernidade*, afirma que a publicação do *Manifesto do Grupo Verde de Cataguases*, que veio em folha avulsa na terceira edição da revista, foi uma resposta a um artigo contra o grupo Verde, publicado no jornal Cataguases e assinado pelo pseudônimo Conselheiro B.B.. São as palavras iniciais do Manifesto:

Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros b.b. que dogmatizam, empoleirados nas colunas dos jornais mirins do interior. E seria inútil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando (VERDE, 1927).

A recepção do município de Cataguases aos jovens do grupo foi negativa, e aparece no manifesto:

E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostosíssimo escândalo interior e até vaias íntimas. (...) Sim. Não esperamos aplausos ou vaias públicas. Os aplausos de certos públicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra aplaudida com aqueles que a compreenderam. Não fica atrás a vaia. A vaia é às vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores...Por isso preferimos a indiferença (ibidem).

³ Os livros publicados pelo grupo no período da vanguarda foram: *Poemas Cronológicos*, *Meia-Pataca*, *Fruta de Conde* e *Treze poemas*.

No mesmo manifesto os jovens *Verdes* querem construir sua identidade, como fica claro nas afirmações: “Somos nós. Somos VERDES” (ibidem). Indiferentes às críticas, os jovens intelectuais se reafirmam no terreno do modernismo encontrando respaldo fora de sua localidade.

Os manifestos da revista *Klaxon* (1922) e de *A Revista* (1925), e o ensaio de Mário de Andrade, *A escrava que não é Isaura* (1925), apontavam para a urgência de renovação do pensamento e das artes, não havendo a necessidade de renegar totalmente o passado. Os rapazes da Verde, em uma postura agressiva e arrojada, talvez também imatura, revelaram em seu manifesto o desejo de rompimento com qualquer tradição, demarcando um espaço ocupado por eles dentro do modernismo brasileiro.

A revista reafirmava as duas vertentes do Modernismo paulista: “liberdade expressiva e temática nacionalista” (BOSI, 1994, p.344). Os integrantes da revista, apesar de negarem, inicialmente, através do manifesto Verde⁴, qualquer ligação com outro grupo modernista, seja estrangeiro ou brasileiro, estavam empenhados em dialogar com os escritores mais experientes, principalmente com os paulistas, “pela admiração que nutriam pela visível liderança e audácia dos Andrades” (BRANCO, 2010, p.13). Colaboraram com a revista Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Menotti Del Picchia, Murilo Mendes, Pedro Nava, Mário de Andrade, Aníbal Machado, Oswald de Andrade, Wellington Brandão, Ascenso Ferreira, Martins de Oliveira, Paulo Prado, Alcântara Machado, Marques Rebelo, entre outros.

A proposta antropofágica de Oswald de Andrade propunha uma digestão da influência europeia, “ou seja, aproveitamento criativo, extração de novas ideias e técnicas, passando por uma releitura que promovesse a discussão sobre a dependência nacional” (RICHA, 2008, p.137). Assinala o poeta e escritor cataguasense Joaquim Branco:

O Manifesto Antropofágico já representava um segundo passo em relação ao Modernismo inicial, fruto do pensamento de um Oswald de Andrade que superara os apupos e vaias da Semana de Arte Moderna de 1922. Esse novo texto indicava um avanço maior em direção a conceitos mais concretos e a críticas mais fundadas. O material da Antropofagia soa hoje, parcialmente, como a tese resumida do pensamento da modernidade no Novo Mundo, e com perfil universalista (2010, p.13).

⁴ Lê-se, no *Manifesto do Grupo Verde de Cataguases* (novembro de 1927): “Pretendemos também focalizar a linha divisória que nos põe no lado oposto ao dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros. Não sofremos a influência direta estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês” (VERDE, 1928).

Nas palavras de Oswald de Andrade, o que deve ser entendido por Antropofagia:

A ANTROPOFAGIA ritual é assinalada por Homero entre os gregos e segundo a documentação do escritor argentino Blanco Villalta, foi encontrada na América entre os povos que haviam atingido uma elevada cultura – Asteca, Maias, Incas. Na expressão de Colombo, *comiam los hombres*. Não o faziam, porém, por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a ideia de exprimir um modo de pensar, uma visão de mundo, que caracterizou certa fase de toda a humanidade.

Considerada assim, mal se presta à interpretação materialista e imoral que dela fizeram os jesuítas e colonizadores. Antes pertence como ato religioso ao rico mundo espiritual do homem primitivo. Contrapõe-se em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos.

A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totenizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite? (2011, p.138-139).

As perspectivas antropofágicas também influenciaram os jovens da Verde, e o entrosamento entre os dois grupos, Verde e Antropófagos, deu-se através de diversos textos publicados tanto na revista Verde cataguasense, quanto na *Revista de Antropofagia* paulista. Assinala Ana Lúcia Richa à respeito dessa ligação dos componentes da Verde com os novos horizontes em expansão:

Aceitaram [os Verdes] o debate que vanguardismo propõe entre o local e universal. Acolheram o estilo fragmentário, o corte cinematográfico, o uso de palavras e liberdade, a crítica à sociedade burguesa, o humor corrosivo, as colagens cubistas, o ready-made dadaísta; acolheram o hibridismo cultural brasileiro, a herança colonial, imperial e as idiosincrasias republicanas; observaram as manifestações populares, os “mestres do passado”; e o resultado não foi uma resposta brasileira a uma conjunção internacional, mas uma pergunta: “Tupy, or not tupy” (2008, p.138).

Oswald de Andrade, como filósofo, também foi inventor de conceitos, como o da *devoração*, “ideia de assimilação presente no processo de deglutição do outro” (VASCONCELLOS, 2008, p.6). Assinala Jorge Vasconcellos, doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro:

Oswald, ao apresentar sua Antropofagia, estava produzindo uma rigorosa e meticulosa análise filosófica do Brasil, um diagnóstico do nosso presente, um sentido aos nossos futuros. Seu texto, mesmo que ao comportar expressões e palavras que sugerem as mais extravagantes imagens, que remetem muitas vezes às vanguardas literárias europeias, como, por exemplo, ao surrealismo, ensejava em seu bojo uma construção que é, de fato, conceitual. [...] Estamos diante de um médico da civilização, de um psicólogo da cultura, como Nietzsche, produzindo a sintomatologia da modernidade enferma. Oswald parece evocar o sentido da ideia de ‘grande saúde’ em Nietzsche com seu pensamento antropofágico (ibidem, p.7).

Dentre os sintomas apontados por Oswald de Andrade para a doença da modernidade brasileira, destacava-se a dependência de nossas artes em relação a tudo o que era produzido na Europa, faltando ao brasileiro a criação de trabalhos genuinamente nacionais. Daí a criação do conceito da *devoração*, do apropriar-se das vanguardas europeias através de um processo de deglutição, aproveitando nossos instintos para o canibalismo, para a consolidação de nossa nacionalidade

O grupo Verde se aproximou das ideias e do conceito de nacionalismo de Oswald de Andrade, não aceitando a concepção modelo/cópia. Ao contrário, aproveitando nossos instintos canibais, apropriaram-se das ideias vanguardas europeias, deglutindo-as e digerindo-as, para a criação de uma arte genuinamente brasileira que valorizava os aspectos locais. Ascânio Lopes, um dos integrantes do grupo, antecipa, em 1927, as ideias que serão desenvolvidas no *Manifesto Antropófago* de 1928 e na *Revista de Antropofagia*: “Trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por ele” (VERDE, vol.2, 1927, p.17).

Desde o Manifesto Pau-Brasil, os vanguardistas pretendiam criar uma arte e uma literatura modernas no Brasil ‘autenticamente nacional’. Mas como renovar, ser moderno, sem copiar os modelos europeus? A Antropofagia aparecia como maneira de conciliar o desejo de abrasileiramento, de construir, pela arte, uma identidade cultural própria com a admiração pelas vanguardas européias: no canibalismo, o inimigo era devorado somente se exibisse qualidades especiais; para ser comida e não apenas morto, deveria ter atributos desejáveis como valentia na luta e coragem na derrota. Assim, a degustação do inimigo possibilitaria a aquisição de suas qualidades através de sua destruição (RESENDE, 2005).

Ainda na segunda edição da revista, de outubro de 1927, em um artigo intitulado “A hora presente”, esclarece as questões que considera primordiais na busca dessa consolidação de nossa nacionalidade: fazer um exame de tudo ao nosso redor, renegar o pessimismo

doentio do idealismo romântico, porque o momento era de ação, de exaltação de nossa nacionalidade, de nacionalização das nossas instituições.

Era necessário, segundo Lopes, isentarmos da influência direta dos elementos estrangeiros, olhar para a hora presente, formar um “espírito nacional, um critério nacional, para a solução dos problemas nacionais” (ibidem, p.17) e, para isso, formar um povo dentro da unidade de raça, fazendo a coesão de elementos dispersos na vastidão do território brasileiro, unificando a língua, já diferenciada do português de Portugal “por uma força subconsciente, incorporando-a ao patrimônio dela os legítimos modismos e palavras da generalidade do povo brasileiro” (ibidem, p.17). Na *Revista de Antropofagia*, um depois das colocações de Lopes, Plínio Valgado escreve um artigo a respeito das nossas origens, da língua tupy, e da importância do idioma falado pelos nossos selvagens às “procuras curiosas” (In: *Revista de Antropofagia*, 1º denteição, p. 5 - 6). Termina Ascânio Lopes seu artigo reafirmando que:

Tenta-se a formação duma literatura própria, quer tanto às fontes de inspiração, quer à forma; trata-se da criação duma legislação brasileira, que proteja mais os nacionais e melhor se acomode ao nosso meio e a nossa gente; [...] prende-se o interesse de um ao interesse de todos, para que todos se interessem pela conservação da coletividade. [...] Hora momento – brasileiro, a mais bela da nossa gente; hora incerta, obscura, nebulosa, em que se trata da eternidade, no espaço e no tempo, de uma sociedade (LOPES, In: VERDE, vol.2, 1927, p.17).

A ligação dos Verdes com o movimento modernista e, mais tarde, com o grupo dos Antropófagos é apontada detalhadamente nas considerações de Ana Lúcia Richa:

Na Verde número 5 (junho de 1928) e na Verde número 1 da segunda fase (maio de 1929), há recomendações para a leitura da *Revista de Antropofagia*. Entre os mais assíduos colaboradores de Verde está Alcântara Machado, participante do movimento antropófago (aparecendo nos números 2, 4, 5 e 1 da segunda fase). Alguns verdes foram publicados na *Revista de Antropofagia*: “Lírica e açougue”, de Rosário Fusco; “Sangue Brasileiro”, de Ascânio”; “Deslumbramento”, de Guilhermino César; “Encantamento”, de Camilo Soares. A *Revista de Antropofagia* trouxe notas sobre a morte de Ascânio e sobre os livros *Meia-Pataca*, de Guilhermino e Francisco Inácio, e *Fruta de Conde*, de Fusco. Por fim, Guilhermino César integra em 1929 o grupo criador de *Leite Criôlo*, a vertente africanista da antropofagia, em Belo Horizonte (2008, p. 195).

Apesar de não participarem ativamente da *Revista de Antropofagia*, a colaboração de Rosário Fusco, através de “Açougue”, demonstra o interesse do grupo cataguasense pela perspectiva antropofágica. Em “Açougue”, Fusco dirige-se diretamente a Oswald de Andrade, propondo uma lista de pessoas “a serem deglutidas” em uma inauguração de um açougue. “Na lista, estão Manuel Bandeira que, além de ‘comida boa’, é um dos maiores ‘comilões’, o professor de Língua Portuguesa Laudelino Freire e Fábio Luz Pai” (SANT’ANA, 2009, p.148). Rosário Fusco termina dizendo o quanto era importante não somente praticar a antropofagia proposta por Oswald, mas como fazê-la também entre os brasileiros:

Daqui há alguns anos (antes que a gente comece a combater os **brasilistas** – chefes disso que ninguém entende mas chama de brasilidade – [...]) é preciso não existir nenhum desses idem entendidos pra remédio. E pra evitar trabalhos maiores é preciso desde já ir comendo essa gente toda, antes que ela nos devore.

Espere mais.

Cural cheinho que só vendo (1928, vol.4, p.2).

Na mesma edição da revista, Ascânio Lopes publica um longo poema intitulado *Sangue Brasileiro*, no qual lembra os grandes feitos na história do Brasil, em uma epopeia da raça brasileira, misturando personagens e lugares históricos do Brasil a elementos míticos de seu folclore.

Conclusão

Os jovens do grupo Verde de Cataguases, apesar de distantes dos grandes centros onde o modernismo afluía suas ideias de renovação cultural, como São Paulo e Rio de Janeiro, conseguiram alcançar uma considerável projeção no início daquele século. Tinham conhecimento da dependência cultural estrangeira que estagnava o Brasil assim como compreendiam a realidade das condições socioeconômicas do país e seu atraso cultural, principalmente em sua cidade natal e outras cidades do interior. Dentre os temas que aparecem nas seis edições da revista, discutiram tópicos da atualidade, voltados ao interesse coletivo, temas cotidianos como a vida no campo, o trabalho braçal na roça, o trabalho da lavadeira, as rodas de samba, o nacionalismo, a mestiçagem, a escravidão, a modernidade, falavam das cidades, das fábricas, das hidrelétricas e dos automóveis (SIQUEIRA, 2008, p.63-64).

Além dessa consciência pela necessidade de uma consolidação da cultura nacional, na compreensão do Modernismo brasileiro, também discutiram a questão social “enxergando não apenas o Brasil mítico, mas também o Brasil real, histórico, cotidiano, com belezas naturais e dependência cultural, problemas sociais, processo de modernização contraditório, religiosidade, inocência e malícia, e seus governantes inaptos” (SANT’ANA, 2009, p.193).

Assim como seus companheiros modernistas, abusaram da liberdade formal, construindo textos bem arrojados para a época, “mostrando que compreenderam profundamente a proposta modernista, não apenas reproduzindo-a, mas também contribuindo com o movimento, ao elaborar uma proposta a partir da própria existência” (ibidem, p.193).

A exemplo de revistas como a *Festa*, *Klaxon*, *Pau-Brasil*, *A Revista* e outras a *Verde* uniu-se ao eco da revolução estética ensejada pelos modernistas, enfrentando a literatura tradicional e impondo-se como periódico de importância literária

Visivelmente influenciados pelos modernistas paulistas e também adeptos da filosofia antropofágica de Oswald de Andrade, mas numa relação de troca entre os dois grupos, a produção da revista *Verde* também serviu de inspiração para os precursores do movimento modernista brasileiro, como se observa no poema a seguir, publicado no número quatro da revista *Verde* de dezembro de 1927:

HOMENAGEM aos homens que agem

Tarsila não pinta mais
com verde Paris
Pinta com Verde
Cataguasenses

Os Andrades
não escrevem mais
com terra roxa
NÃO!
Escrevem
com tinta Verde
Cataguases

Brecheret
Não esculpe mais
com plastilina
modela o Brasil
Com barro verde
Cataguases

Villa Lobos

não compõe mais
com dissonâncias
De estravinsquí
NUNCA!
Ele é a mina Verde
Cataguases

Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Ford Verde
Os azes
De Cataguases
(MARIOSWALD, In: VERDE, 1927, p.9)

A respeito do movimento Verde ter surgido numa cidade tão pequena e distante do eixo São Paulo – Rio, Rivânia Sant’Ana enumera alguns fatores que proporcionaram a revolução dos jovens cataguasenses:

Entre essas condições, talvez a mais importante, está a presença de um grupo de jovens que fez parte daquilo que Humberto Werneck chama de “geração literária articulada”, que atribuía à literatura — na verdade, à escrita, de uma forma geral — um sentido de missão. Conforme depoimento de Guilhermino César, um dos *Verdes*, eles tinham uma fé absoluta na literatura e acreditavam que a revista produzida por eles poderia convencer a todos de que era necessário esquecer a tradição literária e escrever de forma renovadora. Para isso, eles estabeleceram, através de cartas, um extenso diálogo com um grande número de escritores modernistas nacionais e alguns estrangeiros. Esse diálogo resultou num considerável intercâmbio de idéias que fica evidente nas páginas da revista que criaram. Fica evidente também que eles buscavam o intercâmbio de idéias para ir construindo, com a própria atividade literária e a reflexão sobre ela, os rumos que deveriam tomar e os contornos, ainda pouco definidos, da arte nova, nacional, que almejavam (2009, p.177)

Dessa nova arte nacional, os Verdes apropriaram a necessidade de renovação baseada na ideia da modernidade por meio de um processo de independência cultural em relação aos modelos europeus, e também enfatizaram o conceito de *devoração antropofágica*, de Oswald de Andrade. Não somente dialogaram diretamente com a ideia de Antropofagia proposta por ele, como colaboraram com a divulgação daqueles ideias, publicados em alguns dos números da *Revista Verde*.

Assinala Ana Lúcia Richa a ousadia do grupo Verde:

Os verdes pregaram a liberdade irrestrita de usar todo o material disponível como matéria-prima para produção literária. A negação de regras e de sistematização estética é um dos argumentos mais fortes para interpretar o Grupo Verde como mais uma vanguarda brasileira. Pode-se acrescentar ainda que a defesa da liberdade foi um dos caminhos para a rejeição aos academicismos e à importação passiva de modelos literários do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e da Europa. Por isso, *Verde* se tornou vanguarda à sua própria moda, embora tivesse muitos pontos de associação com a primeira vanguarda brasileira. Não há mais a tendência de ver o Grupo Verde como intercessão da Providência Divina, às margens do Meia-Pataca. *Verde* foi a criação, em Cataguases, de mais uma “estação” vanguardista, para receber o “Expresso Paris-Cataguases” (2008, p.216).

O grupo Verde e suas contribuições literárias publicadas na revista *Verde* foram a prova da solidificação do movimento Modernista no interior do Brasil. Anos passados depois da revelação verde em Cataguases, e apesar de pouco conhecidos, fica aqui perfilhada a importância e a contribuição dos jovens visionários à produção literária e cultural brasileira.

The modernist movement Verde and its anthropophagic sidelines: An analysis of the influence of Oswald de Andrade's Anthropophagy in the literary production of the 'Grupo Verde' of Cataguases

Abstract: *The arrival of the modern era had a strong influence in the hearts and minds of young visionaries of Minas Gerais, which add the new ideals of the rising Modernist movement to their literary productions, specifically to the publication of the Verde journal (1927-1929), showing audacity and brilliance. Far from the axis of São Paulo – Rio, the group spread the strands of modernism to the interior of the country, influenced by the ideas of consolidation of national culture and also by Oswald de Andrade's Anthropophagy.*

Key-words: *Modernism. Verde movement. Anthropophagy.*

Referências

ALMEIDA, Marlon Mello. **Itinerário poético de Guilhermino Cesar**. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: _____. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1974, p.231-254.

ANDRADE, Oswald. “A crise da filosofia messiânica”. In: _____. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, p.138-139.

BAUDELAIRE, Charles. “O Pintor da vida moderna”. In: CHIAMPI, Irlemar (org.), **Fundadores da Modernidade**. São Paulo: Ática, 1991.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, 36º ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANCO, Joaquim. “Verdes e antropófagos”. In: _____. **Janelas de Leitura**. Cataguases. Funcec, 2010, p. 13-15.

_____. **Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases; década de 1920**. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

LINS, Álvaro. “A liderança literária, o ensaio e a crítica em Mário de Andrade”. In: _____. **Filosofia, história e crítica na literatura brasileira**: Afrânio Peixoto, João Ribeiro, José Veríssimo, Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p.72-79.

RESENDE, B. **Modernismo Brasileiro: a revolução canonizada**. 2005. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/pacc/z/z_fase_um/rever/1/ensaios/Bresende.html>. Acesso em: 04 agosto 2012.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA, 1º e 2º dentições, 1928 – 1929. Edição fac-similar, São Paulo: Abril, 1975.

RICHA, Ana Lúcia. **Uma vanguarda à moda de Cataguases**. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.

RUFFATO, Luiz. **Ascânio Lopes: todos os possíveis caminhos**. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2005.

SANT’ANA, Rivânia Maria. **O movimento Modernista Verde, de Cataguases – MG: 1927 – 1929**. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2009.

SIQUEIRA, Jesana. **Modernismo mineiro: sociabilidade e produção intelectual na década de 1920**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

VASCONCELLOS, Jorge. **Oswald de Andrade, filósofo da diferença**. 2008. Rio de Janeiro. Revista da Periferia, volume III, Número 1. Disponível em: <http://www.febf.uerj.br/periferia/V3N1/jorge_vasconcellos.pdf>. Acesso em: 04 agosto 2012.

VERDE, **Revista Mensal de Arte e Cultura**. Vol. 1-5. Cataguases: Editora Verde, 1927-1929.